

Palco de Casa

Monólogo Cômico-Poético - Robson POETA

ATO I — A INFÂNCIA COMO PALCO

Cena 1 — Estreia em Silêncio

Eu não virei atriz. Eu nasci atriz... mas não foi escolha, foi sobrevivência!

Minha mãe dizia: “Chora baixo, menina, que o vizinho vai ouvir!”. Resultado? Eu aprendi a chorar em versão cinema mudo. (imita choro silencioso) Olha o talento: lágrima escorre, boca treme, nenhum som. Chaplin, meu amor, você perdeu essa cena.

E tinha regra, viu? Lá em casa, choro alto só se fosse final de Copa. O resto, tudo com legenda. Eu me especializei em careta 1: “triste, porém educada”, careta 2: “humilhada, porém limpa”, e careta 3: “drama profundo com economia de áudio”.

Eu treinava no espelho do armário: virava de lado, ia testando ângulo... porque se é pra sofrer, que seja com direção de fotografia.

Minha mãe passava na porta e, sem olhar, soltava: “Muito bom, mas desincha o olho e ajuda a dobrar roupa”.

Uma diretora exigente.

Eu queria reclamar, mas lembrava do público do 302. Dona Terezinha tinha ouvido de cachorro e língua de rádio AM. Qualquer soluço virava manchete: “Menina dramática, mãe já não aguenta”. Então, silêncio, respira, lágrima que cai sem barulho... e um sorriso no final pra manter a classificação livre. Aprendi cedo que economia de som é investimento em imaginação: quando a gente não pode gritar, a gente inventa história. Quando a gente não pode cair, a gente improvisa voo.

Cena 2 — O Teatro da Sopa

Eu era a diretora de elenco dos meus irmãos. Cena do jantar: colher entra pela esquerda, prato pela direita, reclamação fica fora de cena.

A sopa? Eu dizia que era mágica. “Come logo, vai te dar superpoder!”. Mentira. Mas eles acreditavam. E até hoje nenhum deles voa — mas a sopa rendeu boas bilheterias.

Eu marcava as falas: “Você diz ‘eca’, mas com sinceridade. Você pergunta ‘tem cebola?’, mas com esperança”. E eu, a protagonista da mentira: “Claro que não tem cebola” — enquanto a cebola chorava dentro da panela. Quando a colher tocava a boca, começava a coreografia “Ai-que-quente—mas-eu-amo”: língua pra fora, assopra, assopra, faz cara de quem aprecia a haute cuisine do bairro.

Minha mãe assistia tudo de braços cruzados, a plateia que pagou ingresso com paciência. Se algum irmão cuspiasse o texto — digo, a sopa — ela só levantava uma sobrancelha. Aquilo era o meu sinal de “melhora a atuação, diretora”.

Teve uma noite que inventei o Selo Nutri-Fantástico: “Essa sopa cria músculos invisíveis.” Meu irmão levantou a camisa na hora, procurando abdômen mágico. Eu falei: “É discreto. Só aparece quando você obedece.” Ele obedeceu. O abdômen... segue discreto até hoje.

No fim, a pia lotada, a panela raspada e eu ganhando o meu primeiro cachê: um beijo na testa e o “obrigada por ajudar”. Fui dormir rica.

Cena 3 — Faxina Mexicana

Quando eu pegava na vassoura, era atriz de novela mexicana. Cada passada de pano, um suspiro: (suspiro exagerado) “Ai, por que tanto sofrimento, se eu só queria brincar!”. O piso brilhava tanto que dava pra ver meu reflexo chorando de tédio. Eu era a Regina Duarte do desinfetante!

Eu tinha trilha sonora: a rádio do bairro tocando bolero e eu interpretando “a mulher que varre lembranças”. Varri o azulejo, varri o ressentimento, varri até a vontade de não varrer.

A vizinha do 302 batia vassoura no teto: “Dona Maria, diz pra sua filha parar com esse suspiro que derruba a poeira aqui!” E eu pensava: “Minha senhora, isso é purpurina dramática.”

Em dia de sol, eu polia tanto que a casa virava set de filmagem: refletia meu rosto, refletia as fofocas, refletia a vida que eu queria ter. Eu treinava entrada de cena: pano em mão direita, balde à esquerda, giro central e pose de heroína do lar.

Quando o balde virava sem querer... eu mostrava técnica de atriz física: escorregava assim—quase—caindo—mas—salva—no—último—segundo. Aplausos da máquina de lavar, que entrou no ritmo com um tum-tum de percussão.

E depois do drama, vinha a comédia: eu conversava com as manchas como quem negocia contrato. “Você sai se eu der três passadas, combinado?” A mancha respondia: “Só com quatro e vinagre.” Perdi a discussão. Ganhei bíceps.

Cena 4 — Adolescência Shakespeariana

Adolescente é Shakespeare puro. Eu brigava com a calça jeans como se fosse Romeu: “Ó cruel zíper, por que me negas passagem?”.

Cada espinha era uma tragédia grega. Cada crush não correspondido, um final de novela. Eu fazia monólogo no banheiro e a vizinha só estendendo roupa na varanda. Grande público!

Eu anotava no caderno: “Ato I — Descoberta de uma espinha no queixo. Conflito: conviver com ela ou trocá-la por franja?” Ato II — Encontro com o crush: “Ele olhou? Ele respirou? Ele piscou? O universo concorda com o romance.” Ato III — Ele passou reto. Cortina.

E eu treinando sorrisos: número 1, casual de canto de boca; número 2, “acabei de lembrar de uma piada em francês”; número 3, “se me chamar eu vou, se não chamar eu vou também”.

No espelho, eu ensaiava entrevistas que ninguém tinha marcado: “Obrigada por esse prêmio de melhor atriz coadjuvante do meu próprio quarto.”

Minha mãe batia na porta: “Elena, sai desse banheiro!” E eu: “Mãe, estou na concentração do meu espetáculo”. O zíper, persistente antagonista, respondia com trilha de tric-tric. Eu dizia: “Romance impossível. Vou me apaixonar por algo mais confiável.” Me apaixonei por moletom. Amor correspondido.

Cena 5 — Plateia nas Paredes

E tinha os vizinhos. Minha primeira crítica teatral veio do 302: “Essa menina fala alto, mas tem presença de palco!”. Obrigada, Dona Terezinha. Se não fosse a senhora, eu não teria estreado na carreira.

Eu aprendi a ouvir o prédio respirando. Cada apartamento tinha sua dramaturgia: no 201, briga de casal com final feliz; no 401, novela de ação com panela de pressão; no 302, programa de auditório — uma mulher, um rádio e opinião sobre tudo.

Quando eu ensaiava canto, a Dona Terezinha gritava: “Sobe meio tom!”. Eu subia. “Agora baixa!” Eu baixava. No fim, ela: “Não ficou bom, mas melhorou.” Era a crítica que eu merecia: sincera, econômica e gratuita. Uma tarde, eu fiz um show inteiro para a parede: abertura, números musicais, uma cena de choro (silencioso, claro) e final com agradecimentos. A parede, muda. Eu insisti: “Obrigada, obrigada.”

A parede, firme. Aí ouvi lá longe um bater de panelas — ou estavam cozinhando, ou era o meu primeiro bis. Decidi que era bis. O artista vive de interpretação.

Cena 6 — Primeiro Aplauso

Eu já tinha cenário (a sala), iluminação (a lâmpada da cozinha), figurino (roupa emprestada da minha tia) e plateia (os vizinhos fofoqueiros). Só faltava o aplauso.

Um dia, meu pai disse: “Essa menina não tem futuro... só se virar artista.” Pois é, virou praga... e carreira. Naquele dia, eu tinha feito um número completo: abri com dança de chinelo, fiz malabarismo com três meias, encerrei com poesia sobre o varal. Meu pai, sério, coçou o queixo e largou a profecia. Eu fingi indignação, mas por dentro carimbei contrato: “Artista, setor doméstico, salário em beijos e risadas.”

Na semana seguinte, ganhei meu primeiro figurino oficial: um vestido que era da minha tia e agora era meu. Um pouco grande — ou eu muito pequena. Amarrei com cordinha, inventei que era estilo. A moda me perdoou. Aprendi que aplauso é coisa que a gente colhe com paciência. Primeiro vem o barulho da panela, depois o elogio atravessado, depois o “sabe que essa menina tem graça?”, e um dia... vem o silêncio que escuta. O silêncio que diz: a gente está com você.

Eu respirei, ajeitei o vestido, agradei a praga do meu pai e decidi: se a vida é palco, minha casa é o meu teatro municipal. E eu vou lotar, nem que seja de vizinho curioso e irmão faminto.

ATO II — O IMPROVISO DA MATERNIDADE

Cena 7 — Curso Intensivo da Maternidade

Ser mãe é o maior curso de teatro que existe. Você aprende a sorrir quando quer chorar, a chorar escondido no banheiro, e a improvisar texto toda hora. Dormir? Só depois dos créditos.

Eu era atriz de plantão: figurino, pijama. Cenário, quarto bagunçado. Texto, improvisado: “Dorme, neném, senão o bicho vem.” O bicho nunca vinha — mas eu vinha com cara de monstro se não dormisse logo.

Cena 8 — Perguntas Impossíveis

Minha filha: “Mamãe, por que o céu é azul?”. Eu: “Porque se fosse verde, ia parecer grama no céu e os passarinhos iam se confundir.”

— “E por que chove?”

— “Porque as nuvens apertam o botão lavar-rápido.”

Improviso, meus amores, improviso! E criança não aceita resposta curta. Tem que ter enredo, trilha sonora e moral da história.

Cena 9 — O Musical da Cozinha

Na cozinha, eu era Beyoncé. Colher na mão, tampa de panela como pandeiro. Coreografia: mexe, gira, prova, queima a língua, disfarça.

E o público? Minha filha gritando: “Mãe, tô com fome!”. Essa é a plateia que paga ingresso com fome e ainda pede bis.

Teve dia que até o cachorro entrou no elenco: eu dançava forró com a vassoura, ele uivava no refrão.

Um show familiar.

Cena 10 — Terror Infantil

O maior filme de terror não é O Exorcista. É perder sua filha no supermercado. Cinco segundos sem ver a criança e minha vida passou em retrospectiva da Globo.

Eu já me via dando entrevista: “Mãe perde filha no setor de frios — final trágico.” Eu correndo pelos corredores, câmera lenta, cabelo preso com grampo torto.

Achei a criatura sentada, lambendo o vidro do freezer de sorvete. E ela ainda disse: “Olha, mamãe, tem gosto de algodão-doce!”. O segurança me olhou com cara de crítico de festival: “Nota três, não convenceu.”.

Cena 11 — Reunião Escolar

Professor: “Sua filha fala demais.”

Eu: “Genética, professor. Isso não é problema, é vocação.”

Coordenadora: “Falta foco.”

Eu: “Foco a gente tem, só que se move muito rápido.”

Reunião escolar é o festival de teatro onde você não sabe se sai com aplauso ou vaia.

Cena 12 — Planilhas e Ônibus

No trabalho, virei figurante de novela corporativa. Cenário: Excel. Figurino: crachá.

Minha planilha era tão dramática que quando dava erro, eu dizia: “Respira, volta pra cena, querida!”.

E o ônibus? Lotado. Eu fazia equilíbrio de circo: segurava na alça com uma mão e a marmita com a outra. Plateia gratuita. Só não tinha crítica porque todo mundo tava ocupado tentando não cair.

Cena 13 — Ego e Vaidade

E quando diziam: “Você está linda!”, eu pensava: “Linda? Dormi três horas, tomei quatro cafés e ainda tô sugando a barriga pra dentro!”. Mas agradecia com pose de diva. Porque elogio é o combustível da atriz cansada.

Maquiagem é máscara. Batom é escudo. Perfume é cortina de fumaça. E sorriso é holofote que a gente mesmo acende.

ATO III — A CONSAGRAÇÃO NO TEATRO

Cena 14 — Primeiro Palco Real

Quando finalmente pisei num palco, percebi: a cozinha era ensaio. O lustre da sala era luz de boca. Os vizinhos, minha crítica especializada. A diferença é que agora eu tinha cadeiras numeradas e cortina de veludo.

Cena 15 — A Mãe e a Atriz

Ser mãe me ensinou timing de comédia. Aprendi a dizer “já vou” em 17 entonações diferentes. Aprendi que silêncio de criança é prenúncio de caos — e que silêncio de plateia é prenúncio de aplauso. É tudo a mesma coisa: expectativa.

Cena 16 — Dores que Viram Piada

Boleto atrasado? Piada. Salto quebrado? Gag física. Noite sem dormir? Stand-up automático. Se eu não rio, eu desabo. E se eu desabo, não danço. Então eu rio, danço, e conto piada. Minha vida é escola de clown. As lágrimas escorrem, mas o nariz vermelho é invisível e sempre tá no meu rosto.

Cena 17 — O Microfone

(Ela segura o microfone com firmeza.)

Não escolhi ser atriz. A vida me escalou. Me jogou direto na cena, sem teste, sem ensaio. E aqui estou. Quando eu falo, falo com a menina que chorava em silêncio, com a adolescente que brigava com o zíper, com a mãe que perdeu a filha no mercado... e com a mulher que transformou medo em comédia.

Cena 18 — Canção Final

(Ela começa a cantar suavemente, quase como ninar uma filha imaginária.) “Dorme, minha vida, dorme que eu fico de guarda, Se vier o medo, eu danço até que ele se acabe.

Dorme, minha menina, que a casa tem um palco,
E eu, tua atriz-mãe, faço riso do que é árduo.”

(Para, sorri com uma lágrima nos olhos.)

Porque no fim... ou a gente ri, ou a gente chora.

E eu prefiro... (olha para o público, pede palmas com gesto cômico) arrancar aplausos!

Blackout.

